

**“ “ Hoje eu tenho muito orgulho de, por exemplo, ter pessoas trans que passaram por mim, dentro da universidade, inclusive, que foram orientados e orientadas, e que estão aí fora, tendo grandes destaques a nível nacional, produzindo livros, artigos. E eu fico muito feliz, porque eu acho que é esse o nosso papel: não centrar na gente, mas potencializar as pessoas para que elas possam caminhar e possam continuar nossa caminhada.**

**Luma Nogueira de Andrade**

# Entrevista com Luma Nogueira de Andrade

Entrevista e transcrição:  
Kleire anny pires de souza  
Isabel Ceccon lantas

**| KLEIRE** - Hoje é dia 20 de maio de 2021, uma quinta-feira, às 17:15, do horário de Brasília, nós vamos realizar a entrevista para a Revista COR, com a professora Luma Nogueira de Andrade. Agradeço, primeiramente, a professora Luma pela participação, que tem um currículo renomado, é muito notável, parabéns pela sua trajetória até aqui, visto que é uma trajetória de muita luta e de muita importância. Vou dar seguimento e começar as perguntas, se você não se sentir confortável ou achar que é uma pergunta indevida, não precisa responder, tudo bem? Essas perguntas foram elaboradas pela nossa produção. Qual a sua opinião sobre a pesquisa acerca de pessoas trans feitas por autores cis? E quais são os limites a serem respeitados quando ocupamos esses espaços, no caso pessoas cis?

**| LUMA N. DE ANDRADE** - Bem, nós estamos falando de pesquisa. Qualquer pessoa habilitada, com as qualificações necessárias, pode desenvolver estudos, portanto, pesquisas. Não existe uma obrigatoriedade em que as pessoas terão que pesquisar de acordo com as singularidades ao qual pertencem. Na verdade, existe uma má interpretação do que os teóricos clássicos nos trazem enquanto pesquisadores e pesquisadoras das temáticas e das singularidades em si. Dizendo isso, é importante destacar que qualquer pesquisador e pesquisadora, em campo, ele/ela vai ter pessoas, se for um estudo que envolve seres humanos, ele vai estudar pessoas e as singularidades dessas pessoas. E o pesquisador e a pesquisadora podem ter uma relação direta, indireta ou não ter qualquer tipo de relação com as pessoas com as quais irão, vamos dizer, obter esses saberes.

Daí o que ocorre? Por conta desses fatos, dessas diferentes formas de estar na pesquisa enquanto pesquisador e pesquisadora, não existe uma obrigatoriedade: vai pesquisar quem está mais próximo, quem está em uma linha intermediária ou vai quem está distante. Não existe isso. Qual é o papel da nossa pesquisa, de acordo com os clássicos, principalmente da antropologia nós temos que nos aproximar e temos que manter a distância ao mesmo tempo. Então, é um exercício. Um exercício que não é qualquer pessoa que consegue fazer. Por isso que se trata de pesquisa. É uma pesquisa e exige técnicas, por isso nós temos metodologias, dependendo do que se vai pesquisar, nós temos metodologias específicas para aquela pesquisa. Então, o que ocorre: quem vai pesquisar pessoas que não tem nenhum contato, que não faz parte daquele contexto daquelas pessoas, qual o desafio? O desafio vai ser se aproximar. Então a distância já tem. O olhar de “distante” já existe. Mas aí qual é o papel? Se aproximar. O inverso também ocorre. Quem está inserido no contexto, que compreende, que está perto, tem que fazer um exercício inverso. Qual é o exercício? O afastamento, o olhar distante. Porque se você vai fazer um estudo, inclusive existem muitas críticas, e eu sofri logo no início, por ser a primeira travesti pesquisando sobre pessoas travestis principalmente no contexto da escola. Então eu sofri muito essa questão de ser criticada por conta

de fazer parte daquelas que eu pesquisava. Por exemplo, fazer parte do contexto das travestis. Então, a questão era: como você é travesti, vai fazer estudo sobre travesti, vai trazer dados sobre travesti. Isso já nasce viciado. Essa era a ideia. Quando o trabalho surge, eu tenho a obrigação, principalmente, quando eu vou falar da metodologia, de detalhar essa questão, trazer os teóricos, fundamentar todo este processo para que as pessoas compreendam que é necessário esse exercício. Qualquer pesquisador e pesquisadora vai ter que fazer esse exercício, se for uma pessoa qualificada. Então essa é uma exigência que a própria técnica de pesquisar exige. Eu tive que justificar e eu mostrei que eu fazia parte, mas eu tive o exercício de me afastar. E no próprio instante em que eu me afasto, eu vou me afastar através das fundamentações teóricas que foram produzidas. E quem produziu essas fundamentações teóricas? Porque nós estamos falando de uma época diferente, do passado, onde ocorriam poucas produções sobre as temáticas. Os conceitos ainda era algo não identificado como hoje nós temos algo mais direcionado, era algo mais complexo, não existiam as nomenclaturas, os contextos eram mais complexos. E isso causava uma certa dificuldade. Então, foi uma produção, que surge dentro desse contexto, mas que traz o olhar de distanciamento, que é fundamental através dos teóricos, como eu falei anteriormente também, através de olhares externos,

compreender esses olhares externos. Daí nós pesquisadores e pesquisadoras trans, que estudam sobre a temática trans não podemos achar que só nós somos capazes de pesquisar essas questões. Primeiro que, quem pensa desta forma, está completamente fora do contexto do que seja uma pesquisa, um pesquisador, uma pesquisadora, um contexto do universo da academia. Está totalmente fora. E aí eu agradeço até, por exemplo, na época, não se tinham temáticas muito aprofundadas sobre as pessoas trans, travestis e transexuais, mas o pouco que se tinha estava focado na questão da prostituição e nas grandes metrópoles. Quem produzia? Era exatamente as pessoas cis, as pessoas homossexuais. E não eram pessoas trans. E a contribuição que esses pesquisadores e essas pesquisadoras tiveram é de fundamental relevância, porque eles/elas trouxeram uma temática que não estava tendo nenhuma visibilidade em termos sociais e na universidade. E como nós produzimos políticas públicas para as pessoas vulneráveis?

É através da produção de conhecimento, de conhecer essas realidades. Então, na verdade, nós temos que agradecer às pessoas que produziram conhecimento sobre as pessoas travestis e transexuais. Hélio Silva, Kulling, Berenice Bento, Larissa Pelúcio. Todas aquelas pessoas que produziram conhecimento sobre a temática, nós devemos é agradecer e também fundamentar com eles/elas nossos estudos. Nossos trabalhos são

fundamentados através dessas produções. Então, aí, nós entramos no campo do debate, entra a questão da academia e do nosso lugar enquanto pesquisadores e pesquisadoras. Como é que se alinham as discussões? Através dos debates e das produções. Eu vou utilizar os autores ou para confirmar muitas das ideias ou para problematizar essas ideias. Não é uma questão de dizer: não, não serve porque não entra nesse contexto de singularidades. É questão técnica de produção. Logicamente, na pesquisa, vai existir um diferencial: quando você faz parte do grupo, você tem uma maior empatia. Isso é algo óbvio, porque você faz parte do contexto. Você vai ser melhor recebido ou recebida, você vai ter acesso a elementos mais aprofundados. Dependendo da pessoa também. Nós não podemos generalizar. Mas, se subentende que existe essa aproximação e essa maior empatia, quando você faz parte do grupo. Comigo ocorreu, eu não posso generalizar, mas comigo correu. Facilitou por ser uma pessoa travesti pesquisando pessoas travestis e transexuais. Se tem uma profundidade, pelo que eu percebi no meu estudo, eu tive uma profundidade de dados que foram relevantes, que alguns, por exemplo, os colegas que pesquisaram que eram cis, que eram homossexuais, não conseguiram. Porque são outros contextos também, é outro campo, é outra realidade. Então, assim, nós não podemos desconsiderar ou menosprezar esses trabalhos. Todos os

estudos que são produzidos sobre pessoas travestis, que têm o teor da pesquisa e o rigor científico, são extremamente válidos, porque traz uma denúncia dessas histórias e isso é importante para a produção de políticas públicas. Não existe produção de políticas públicas sem dados e aí é onde entra o papel da pesquisa e independe de quem pesquisa. As produções que são feitas devem ter um diálogo e quem discorda de algum autor vai ter que fazer sua produção e realizar suas fundamentações. Nós não podemos cair no que está ocorrendo hoje no nosso país - eu cheguei há pouco tempo de Portugal, eu estava fazendo pós-doutorado, passei um ano na Europa -, mas nós não podemos cair em algo que está muito forte aqui que, por exemplo, nós não encontramos na universidade europeia. A própria universidade está deixando de ser o lugar da produção de conhecimento, de técnicas, de habilitação dos estudos e da pesquisa, por incorporar não pesquisadores e pesquisadoras, mas pessoas que têm um número elevado de seguidores e seguidoras nas redes sociais, assim como o comércio está consumindo essas pessoas, parece que esta lógica está chegando na universidade. E temos que ter muito cuidado, pois isso vai passar muito rápido, não se sustenta por muito tempo. Nós precisamos ter muito cuidado e muito zelo nesses aspectos e não se iludir que é uma pessoa que tem tantos seguidores e o que fala é a verdade.

Nós precisamos entender que pesquisa é uma coisa, que estudos científicos são produzidos com o que aprendemos na Universidade, tem um aspecto, porque tudo que é produzido para a população de travestis e transexuais, dentro da nossa sociedade, em termos de legislação, em termos de conquistas de políticas públicas, passam por estudos científicos. E quem faz os estudos científicos é exatamente a academia, porque lá é o lócus de formação de pesquisadores e pesquisadoras. Nós precisamos também ter essa consciência e valorizar a universidade, porque estamos em um momento muito complexo no Brasil de negação da ciência e desmonte das universidades. Qualquer pessoa que está em ascensão dentro da internet é alguém que vai falar a “verdade”? Vai produzir o conhecimento sem estudos e formação? E aí nós temos que ter muito cuidado com isso tudo. E mais tarde, quando acordar, vai perceber os erros que foram cometidos, porque são lócus diferenciados, espaços diferenciados. Logicamente, em todos os espaços nós temos posicionamentos políticos, mas existe o teor e o rigor científico. É isso que qualifica, por exemplo, o que é defendido no Supremo Tribunal Federal, nos governos, através das políticas públicas, é exatamente o rigor científico na produção de conhecimento.

**| KLEIRE** - A senhora se faz muito clara. Por exemplo, agora, se tem muito essa

mania, e essa pergunta foi justamente nesse intuito, porque alguns colegas de universidade sempre me questionam: mas por que que você não usa autoras lésbicas? Ah, mas por que que você só usa autoras mulheres? Amigos, eu sou uma mulher lésbica, e é muito difícil ter coisas sobre mim, e você acha que eu posso ficar escolhendo? Eu tenho que querer falar com quem fala comigo, não é?

**| LUMA** - É outra coisa que eu acho muito complicada que ocorre hoje dentro da nossa universidade. No futuro, eu creio que as pessoas vão entender os equívocos. Uma cegueira total que pode causar danos no futuro até para produção de conhecimento em si, quando se faz esse tipo de coisa. Você obriga as pessoas a ter que citar: você é trans e você vai ter que citar trans. Não é assim, gente. Aí é onde está uma questão que, talvez, nós estejamos muito atacados e atacadas, quem está dentro da academia, e que faz o trabalho de pesquisa, de estudo científico mesmo. Porque tem que ter esse olhar, você não pode se cegar dessa forma. Eu já participei de estudos que tinham pessoas que diziam: “olha, nós temos que fazer essa pesquisa e ela tem que ter essa porcentagem, porque é isso que é dito pelo movimento”. Então, isso é um absurdo. Como você vai fazer uma pesquisa que já está viciada? você já está produzindo uma pesquisa para dar

um resultado. Então, assim, isso é inaceitável. Nós precisamos ter consciência e precisamos colocar os pés no chão. Logicamente, algumas pessoas vão criticar muito por conta desse posicionamento. Mas, assim, eu não caí de paraquedas na universidade, eu tenho uma trajetória de vida, eu entrei na universidade e por ser a primeira doutora travesti, a primeira docente universitária travesti desse país, não foi nada fácil chegar onde eu cheguei, porque eram outras regras, eram outras normas. Não existiam legislações que hoje nós temos. Então, não foi nada fácil. E, aí, eu não posso, de repente, tudo que eu aprendi, tudo que eu tenho conhecimento sobre esse universo, eu não posso relegar isso tudo, por conta de algumas pessoas desejarem que eu me comporte de determinada forma e não de outra. Eu sou uma pessoa trans, mas, também, sou uma pesquisadora, e eu tenho que ter um olhar crítico sobre isso. Eu tenho que ter esse olhar da aproximação e do distanciamento, porque, aí onde está, você não consegue se distanciar e se você não consegue se distanciar, então, o estudo fica viciado, porque você não tem um olhar crítico. Você já vai induzindo tudo aquilo que você quer. É preciso ter um outro olhar.

**| KLEIRE** - Você percebe um aumento do ingresso de pessoas trans nas universidades nos últimos anos e você percebe que existe alguma preocupação, tanto do movimento quanto de políticas

públicas, para que haja uma permanência dessas pessoas na universidade?

**| LUMA** - Eu percebo que sim. E eu percebo que sim porque eu parto do meu universo. Por exemplo, eu já orientei várias pessoas trans, tanto homens trans quanto mulheres trans, e ainda estou orientando. Agora, o que me chama atenção, sem ter um estudo específico sobre isso, repito, falando de minha realidade in lócus, eu percebo o crescimento da presença dos homens trans, maior até do que das mulheres trans. Por incrível que pareça. Então, eu falo da minha realidade, eu não posso generalizar, mas partindo dessa realidade, se você tem uma universidade que funciona no interior do Estado do Ceará, por exemplo, que é a que eu faço parte, a UNILAB, uma Universidade Federal. Se tem esse movimento, eu creio que nas outras universidades isso possa estar acontecendo. Eu não posso afirmar, porque eu teria que ter um estudo sobre isso, mas eu sinto esse crescimento, que ocorre dentro da minha realidade. Isso é bem notável.

**| KLEIRE** - Você acredita que existam políticas públicas ou alguma questão dos movimentos para que esses alunos tenham uma permanência na universidade?

Por incrível que pareça, nós temos que ser realistas. Existe, no próprio movimento, uma segregação entre as pessoas que fazem parte, que são LGBT e estão na universidade e as que não fazem parte da universidade. Eu já estive tanto nos movimentos em si, eu já fui presidenta de ONGs LGBT, vários anos, atualmente, até pouco tempo, 2017/2018, eu fui presidenta da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, logicamente, a de estudos era mais com pesquisadores e pesquisadoras. Mas, anteriormente, eu tenho um histórico de atuação dentro dos movimentos. E eu saio dos movimentos e eu chego na universidade, eu percebo que existe uma divergência. Isso é latente. Nós percebemos, até porque quem faz parte das militâncias, dos movimentos, a maioria das pessoas não têm relação com a universidade. E isso talvez seja algo relevante para compreender, porque às vezes faltam elementos de sensibilidade para com as pessoas LGBT que estão dentro da universidade. Se busca políticas públicas, mas não vê, por exemplo, dentro da universidade, o que é necessário de políticas públicas. O que a gente pode chegar junto dentro das gestões das Universidades para poder conseguir algo. Dentro da universidade, nós somos vozes solitárias. E quando eu digo isso, eu tô falando não só enquanto docente, porque eu sinto essa solidão, mas também com os discentes. Porque, às vezes, essa solidão é minimizada com a relação entre nós. Por exemplo, eu



tenho uma tática, que é de articular as pessoas trans LBGTs que tem na universidade, mas é como forma de sobrevivência. Então, eu tenho uma articulação com um grupo, onde nós temos as pessoas LBGT, nós temos discussões, nós temos debates, nós temos atuação dentro da gestão, tentativas de se inserir dentro dos espaços de tomada de decisão, como, por exemplo, os conselhos tanto de cursos quanto os conselhos de diretorias e do próprio conselho supremo da universidade, que eu CONSUNI, o Conselho Universitário Geral. Então, existe essa tentativa de se inserir também para poder colocar o nosso olhar. Já mudou muito, porque ao entrar na universidade, no caso, eu fui a primeira experiência de uma pessoa travesti dentro de uma universidade, e isso foi positivo, porque consegue abrir portas, se não tivesse sido bem-sucedida eu não sei se as outras teriam conseguido. Porque serviu de espelho durante muitos anos e isso é importante para termos uma compreensão dessa realidade, dessa solidão, porque nós estamos lá sós. Temos a solidariedade de algumas pessoas colegas, por exemplo, alguns professores e algumas professoras que são solidárias, alunos/as que são solidários e solidárias. Mas nós temos também embates, divergências, pessoas que divergem, tanto docentes quanto gestores, funcionários, quanto discentes, de nossas temáticas. E nós estamos sozinhos e sozinhas nesse embate e o movimento às vezes não

chega. Às vezes até porque acha que não é o lugar. Às vezes até, talvez, porque acha também uma barreira, de que ali é um lugar impenetrável, algo dessa natureza. Mas, talvez, para os anos que nós estamos vivendo isso já tenha sido superado, porque hoje já não tem como separar tanto. As pessoas que entram na universidade parte também são de movimentos. Elas têm essas relações diretas, elas não são só da universidade, elas não são só do movimento. Não tem como separar. Como não tem como separar a minha ação política da minha ação profissional docente. Isso não se separa. Porque nós, independente de sermos cis, de sermos trans, de sermos homo, de sermos bi, do que for, nós temos posicionamentos políticos e isso vai interferir dentro da nossa prática. Isso vai estar relacionado com a nossa prática. As disciplinas que nós construímos, as ementas das disciplinas que são elaboradas, as bibliografias que são utilizadas. Esse contexto todo acontece. A questão é: nesse embate, nessa relação de divergência, como se fosse um inimigo do outro, nós perdemos. E perdemos muito, não é pouco. Porque os nossos inimigos não somos nós, os nossos inimigos não nos querem ver nos movimentos e não nos querem ver nas universidades. Eles não querem nos ver em lugar nenhum. E quando nós nos fragmentamos, nós perdemos força, nós criamos uma intriga que não era para existir. Por isso a necessidade da extensão na universidade. A extensão é o lugar



exatamente para fazer esses elos, trazer os movimentos. Às vezes, o movimento critica as pessoas que estão na universidade, mas não perguntam o que é que você tem feito pela população LGBT lá dentro. Eu acho que isso é o que é interessante, tanto das pessoas que estão diretamente ligadas ao movimento, exclusivamente, como aquelas que fazem parte da universidade. Nós devemos perguntar a essas pessoas: “sim, vocês estão nesses lugares, o que vocês têm feito? Qual a produção, qual a contribuição que tem feito em relação a isso?” Porque também há de convir que a própria presença dessas pessoas na Universidade já é uma contribuição. A presença de travesti e de transexual professora, discente, funcionária, terceirizada, que seja, a presença desses corpos já é uma contribuição para o movimento, porque eles e elas estão ali dialogando, está produzindo debate em um lugar que, talvez, o movimento, isoladamente, se permanecesse isolado, não chegaria. E é um lugar fundamental, porque, como eu disse antes, qual é o papel da universidade? Produção de conhecimento. E a produção de conhecimento se faz através de quê? Da pesquisa. Então, é um lugar chave. Qual é a interpretação que se tem que ter: são frentes diferentes, logicamente, são dinâmicas de enfrentamentos completamente diferentes, mas cada uma tem a sua importância e nenhum é menor do que o outro. É isso que eu tenho tentado levar para os meus

debates, principalmente quando envolve o movimento. É tentar mostrar a importância desse elo e não alimentar essa segregação de que a academia está querendo superar o movimento. Não. Cada um tem sua história, cada um atua dentro do seu campo. Qual é o papel do movimento e qual é o papel da universidade? Um não pode querer tomar o lugar do outro porque não dá. Não dá para a universidade tomar o lugar do movimento e não dá para o movimento tomar o lugar da universidade são competências distintas que podem se somar para os enfrentamentos a depender do olhar. Nós podemos fazer um diálogo, em que nós podemos relacionar todos esses saberes, porque todos eles são válidos e são importantes para os enfrentamentos. Isso eu acho algo que é primordial. E eu entendo, sim, que existe uma dificuldade ainda do movimento de reconhecer a importância e contribuir com o apoio às pessoas travestis e transexuais, a população LGBT em geral, que está nesse lugar. Apoiar, por exemplo, nos enfrentamentos, criação de órgãos que tratem, coordenadorias sobre a população LGBT lá dentro. É necessário? É necessário. É necessário buscar inserir pessoas trans em espaço de tomada de decisão dentro das universidades? É necessário. É necessário criar políticas para poder apoiar as pesquisas sobre a população LGBT? Isso é necessário, com bolsas de iniciação científica. É necessário criar bolsas de apoio às atividades de

extensão que envolvem universidade e movimentos sociais. E quem é que pode fazer isso? É quem tá lá dentro, que é o elo entre o movimento e a universidade. Agora falta ter essa percepção. Ou, então, é um egocentrismo pleno, de que não percebe que é possível ir adiante, mesmo que não seja você, mas que seja um outro. Tem que ter cuidado com esse egoísmo, esse egocentrismo, essa coisa toda, de achar que as coisas só podem caminhar se for a partir de mim. Não é a partir de mim. Pode ser a partir de mim em parceria com outros ou sem mim. Então, eu vejo uma necessidade, às vezes, dos movimentos, eles ficam até entre si brigando, para ver quem é que faz isso, quem faz aquilo. Não é quem faz isso, quem faz aquilo. A questão é: vamos unir forças para fazer o melhor e não ficar disputando quem é que faz. Às vezes fazendo as mesmas coisas. Quer dizer, um trabalho duplo, triplo, quádruplo, quando se poderia juntar esforços para outras ações. Mas, não, tenho que ser o centro, então eu tenho que fazer tudo sozinho. Isso está criando uma neura em pessoas que estão achando que, por exemplo, tem que tomar conta disso tudo, para poder ser o centro de tudo isso. E aí nós podemos estar criando celebridades e situações que no futuro podem nos dar problemas, porque nós não podemos pessoalizar essas questões, nós temos que democratizar as lutas e também as conquistas.

**| KLEIRE** - A professora menciona uma questão que eu acho muito latente na universidade que fala assim: “Ah, nós conquistamos nosso espaço e já acabou por aí”, mas, uma coisa que eu percebo é que não existe espaço.

**| LUMA** - Isso é pesquisa! Porque a ideia de muitos é que não é pesquisa.

**| KLEIRE** - Você considera que o formalismo excessivo acadêmico representa uma barreira para pesquisa acadêmica politizada?

**| LUMA** - Não, porque é exatamente a garantia do rigor da pesquisa. Não é qualquer produção que pode ser considerada uma pesquisa, um estudo científico. Para isso existem as bancas de qualificação, as defesas, porque se fosse só produzir e pronto não precisava da qualificação dos pares. Então, nós precisamos ter esse rigor. E isso não é ruim. Não pense que isso é ruim. Isso é positivo, porque é onde nós vamos ter o olhar crítico sobre aquilo que se está produzindo. É o olhar: “será que é isso mesmo?”. Quantos trabalhos tiveram que ser refeitos ou redirecionados, porque não estavam dentro do devido, dentro do esperado para uma produção científica. Como eu falei antes: a produção científica tem um rigor, tem as técnicas, as normatividades para isso. Logicamente que esses rigores podem ser flexibilizados, como têm sido

flexibilizados. Nós temos conseguido algumas mudanças, em termos de gênero, de subverter a linguagem, porque é uma linguagem machista e racista. Nós temos conseguido muitos avanços, mas tem elementos da pesquisa que realmente não podem deixar de existir, porque se não perde-se a sua cientificidade. Há a necessidade de, logicamente, realizar as modificações, porque a sociedade muda de acordo com o tempo. Mas em termos de pesquisa, para ser considerada saber científico, há a necessidade de uma metodologia. Porque, senão, essa política vai ser maior do que a técnica científica - que é como a gente tinha falado anteriormente. Quando essa política se torna maior e não dialogam com metodologia científica, ela perde a sua cientificidade.

**| KLEIRE** - Você percebe uma dificuldade maior das pessoas trans lecionarem após a onda de retrocesso que vem sofrendo o nosso país, você percebe que, talvez, vem sofrendo um pouco mais preconceito, de maior dificuldade, de às vezes até mesmo ser barrada em alguma situação?

**| LUMA** - Eu acho que já foi pior. Eu falo como docente, que eu já era travesti desde 1998, quando eu comecei a lecionar. Final da década de 90. E não foi nada fácil. Eu só entrei porque eu passei no concurso, eu era vigiada, o

gestor ia para atrás da porta verificar o que eu estava fazendo. E eu só consegui lecionar porque era uma obrigatoriedade de ter um ensino superior para poder lecionar. Foi logo quando iniciou a obrigatoriedade de ter ensino superior. E eu, na minha cidade, era uma das poucas pessoas da cidade que estava fazendo ainda ciências na universidade, com habilitação em química e biologia. Então, eu acho que eu era a terceira ou a quarta pessoa que estava fazendo pela primeira vez esse curso, que era um curso inédito, e isso foi o que deu força e obrigou, praticamente, a minha contratação - até porque foi uma seleção também. Desde 98, eu percebo o quanto é difícil. A sociedade não falava sobre isso. Existia um preconceito muito forte. Já vinha de uma década de 1980 pesada, por conta do advento da Aids. Nós temos que contextualizar. Tem que entender esses conceitos históricos a partir do momento que ocorrem, para nós entendermos os fatos. Para nós não acharmos que é difícil, mas já foi pior. Nós éramos até proibidas de estar em escolas. Isso foi muito pior. Mas, assim, hoje, ao mesmo tempo que tem a aversão à nossa presença, nós temos força de resistência, coisa que era mais difícil no passado. Então foi muito pior. Ao mesmo tempo que nós temos as pessoas que nos atacam, nós temos também as que são solidárias dentro do espaço onde atuamos, por exemplo na própria universidade. Eu tenho colegas docentes e discentes, tenho funcionários e até gestores que estão inseridos nesse

sistema que são solidários/as, que apoiam, que dão força, que fazem continuar. E eu acho que é por isso, também, que nós não podemos ser egoístas e acharmos que é só uma força interior dentro de nós. Não é isso. Eu acho que não funciona dessa forma. Há a necessidade de redes de solidariedade. Nós temos que ter humildade para reconhecer isso tudo. Eu não conseguiria sobreviver dentro daquele lugar se não fossem os/as docentes e os/as discentes dentro da Universidade. Os e as docentes, os e as discentes, lá, apoiando, inclusive, muitos deles LBGTs também. Então é como se fosse um apoio mútuo, com a força mútua de enfrentamento. Hoje nós temos dispositivos legais. Não são Leis, mas nós temos como acionar dispositivos. Antes nós não tínhamos, mas hoje tem vários dispositivos produzidos pelo STF. Inclusive, a equiparação da LBGTfobia ao racismo. Esse é um dispositivo muito forte. Nós temos dispositivos na própria LDB, que garante a presença das pessoas com a sua diversidade dentro dos espaços educacionais. Então, ao mesmo tempo que nós temos essa linha de negação, nós temos, também, empoderamento através de dispositivos legais, sociais, para poder realizar os enfrentamentos. E isso contribui muito. Não é fácil, mas seria pior se nós não tivéssemos esses dispositivos. Imagina, naquela época, década de 90, anos 2000, termos um presidente como o Bolsonaro, quando não tinha os dispositivos que temos hoje? Então nós temos que pensar, não a

partir de agora, mas em uma linha histórica, para poder compreender onde nós estamos, como nós estamos e não ficar só na lamentação, no sofrimento, porque isso não produz potência pra vida. Nós precisamos ter essa potência de vida. E a potência da vida não é alimentada com sofrimento, com dores. Lógico que elas existem, mas não existem sozinhas. Existem as alegrias, existem as solidariedades. Isso a gente não pode esquecer, porque elas são formas de resistência para nós, elas fortalecem. Antes de ir para Portugal, teve o edital das pessoas trans, o primeiro edital exclusivo para a seleção de pessoas trans na graduação no Brasil. Foi algo que eu participei diretamente. Foi o primeiro do país, em 2018. Quando o presidente assumiu e soube do edital, imediatamente mandou cancelar o mesmo. E isso tudo me fragilizou, foi antes de minha ida para Portugal. Consegui emendas parlamentares para implementar um projeto de pesquisa com bolsas para as pessoas LBGT desenvolverem estudos sobre a população Trans: 15 bolsistas durante 1 ano e pegava o período da pandemia. Era um projeto que foi aprovado com recursos e tudo estava indo bem, na hora de liberar o recurso, o reitor foi pressionado pela ala bolsonarista. E, aí, todo o sacrifício que eu tinha feito foi jogado no lixo. E, depois, em uma reunião, era uma fundação que iria receber o recurso, as pessoas ficaram tão arrasadas que elas chegaram para mim e disseram: “Olha, nós fomos para uma

reunião e disseram que o projeto foi vetado por questões políticas”. Eu saí do Brasil arrasada. E que bom que eu saí, porque eu tive como respirar um pouco lá fora. Tive como ver de longe um pouco o que estava acontecendo, mas foi muito bom para fortalecer, porque eu estava muito fragilizada e voltei bem forte. Voltei forte, voltei com toda potência para poder desenvolver e continuar desenvolvendo o trabalho. Mas nós temos que ter essa consciência de que eu consegui superar por conta das redes de solidariedade. Não só brasileiras, mas também lá na Europa. E isso foi uma potência para poder superar todos os desafios. Nós temos que, sempre quando formos tratar desses momentos difíceis, lembrar também que existem momentos de conquistas. Esse é um momento em que nós estamos tendo grandes conquistas também. A própria questão da equiparação da LBGTfobia ao racismo é nesse período. Várias outras conquistas. A questão da suposta ideologia de gênero nas escolas que foi para o STF foi nesse período - agora que essa temática foi colocada e que conseguimos derrubar através do STF. Ao mesmo tempo que existe essa política de eliminação, que é a necrotranspolítica e até necroLBGTIpública, existem as forças que nos fortalecem e nós temos que nos apoiar nisso. Se fortalecer nisso e não ficar só nas lamentações. O que alimenta o bolsonarismo é exatamente o medo. Ele se fortalece, é como se fosse a vitamina de crescimento deles. Então, o

medo, essa essa fuga, essa entrega, esse terrorismo todo. Para você ter ideia, a defesa da minha pesquisa, no pós-doutorado lá em Lisboa, foi remota. E foi invadida por fascistas. A sorte é que a universidade era bem organizada, quando percebeu a invasão e a tentativa de boicote, imediatamente já removeram as pessoas, já atuou imediatamente, a instituição fez uma nota de repúdio ao que tinha acontecido e solidariedade a minha pessoa. Os movimentos sociais de lá também atuaram dentro desse sistema de repudiar o que ocorreu e de apoiar a pesquisadora com a temática. Então, assim, é o momento de ataque, né? Nós temos que estar preparados, preparadas, mas, ao mesmo tempo, ter a capacidade de enfrentar tudo isso, de buscar alternativas, de buscar uma forma de boicotar eles e elas. E como é que nós boicotamos eles? É nos articulando, é produzir mais conhecimento. Assim como eles e elas se alimentam do nosso medo, o que a gente faz é kriptonita para eles.

**| KLEIRE** - Isso me lembra muito a música da Gal Costa: temos que estar atentos e fortes, não temos tempo para temer a morte. Você escreveu um artigo chamado “a festa de formatura: desafio a jovens travestis”, poderia comentar um pouco sobre essa pesquisa e sobre os padrões mencionados, estéticos e sociais, comportamentais, e como esses

padrões afetam o ambiente da universidade, principalmente para participação das pessoas trans e travestis.

**| LUMA** - Esse [artigo] faz parte da minha tese. Inclusive, é a última parte da tese, logo no finalzinho, onde eu escrevo, sobre a questão dessa cerimônia, como foi e ocorreu essa cerimônia. Foi no ensino médio, na verdade, não foi nem na universidade, foi no ensino médio. E foi em uma época, também, diferente. Foi em 2012, quando eu estava realizando a pesquisa, foi uma das últimas observações. E eu fui participar da festa de formatura de uma pessoa travesti, no interior, do interior, do Estado do Ceará. O que eu estou querendo dizer com isso? Era em uma localidade dessa cidade. Então mais ainda no interior. A minha curiosidade era conhecer esses comportamentos, da presença de uma pessoa travesti em uma formatura, onde é um momento muito simbólico. A sociedade confraterniza aquele momento de colação de grau, no caso, conclusão do ensino médio. A família chega junto muito orgulhosa, os amigos, aquela confraternização. Essa que eu participei não teve nada disso e foi totalmente o inverso. Ela estava sozinha, ela me convidou. E ela estava naquela expectativa de que a família estaria lá, como ocorria com as pessoas cis e não tinha ninguém. Nem o namorado quis ir

com ela - que ela estava prevendo que o namorado iria -, o namorado não, a família não apareceu. Depois ela disse que soube que tinham dito que era vergonha ir com ela daquele jeito, de mulher e tal. Amigos, eram um ou dois. E eu fui no carro, levei ela, e eu perguntei “você vai para a festa?”, “vou para minha festa”. “Então vamos, nós vamos ser a sua família”. Foi o momento em que, na condição de pesquisadora, eu também tive que ser humana. Aí é a questão de quando eu falo em flexibilizar. Há momentos em que nós temos que flexibilizar essa questão da pesquisa. E tem como justificar tudo isso através das metodologias. A própria metodologia vai produzir essas aberturas, em uma pesquisa-ação, em que você não tem como ficar parado, porque exige uma tomada, uma iniciativa, sua. E eu não tive como me conter, de estar ali só como uma observadora, como uma pesquisadora, eu tive que atuar dentro daquele contexto também participando. Além de ser uma observação-participante, eu tive que adentrar ainda mais nesse contexto, porque eu passei a ser, também, como uma família, para ela não ir sozinha. Porque ela iria sozinha, independente de qualquer coisa que fosse acontecer, nem que ela fosse sozinha, ela iria. E eu achei aquilo bravo, porque era uma forma de resistência muito forte, no interiorzinho pequeno, e uma pessoa que trazia um olhar: “eu vou! Eu tenho esse direito e eu vou como eu quero e eu tenho que ir!”. E eu a acompanhei e foi bem

interessante, porque, quando chegamos, víamos as famílias, com seus filhos que estavam se formando, os pais muito alegres com as meninas se formando, os pais muito alegres com os meninos se formando. E, quando nós chegamos, todo mundo parou, né... Porque nós fomos em frente. E todo mundo indo e sendo chamado. E foi eu e meu esposo também. Meu esposo serviu também para acompanhá-la. Nós fizemos tudo que era necessário para ela não ficar sozinha. Não era justo ela ficar sozinha naquele momento. Então, participamos desse momento, ele aconteceu. Na hora que ela foi chamada, ela, super feliz, foi lá, recebeu, algumas pessoas a conheciam e ela foi bem aplaudida. E, isso foi interessante, porque, no outro dia, depois de tudo que tinha acontecido, algumas pessoas ficaram pasmas. Mas por que ficaram pasmas? Porque, na época, eu era a coordenadora. Eu coordenava 26 escolas, distribuídas em 13 municípios do Estado do Ceará. Eu era a coordenadora. Eu que era a “líder”, vamos dizer, eu que era hierarquicamente superior aos diretores das escolas. Então, os diretores das escolas eram subordinados a minha pessoa, porque eu já era a coordenadora da Secretaria de Educação do Estado, que funcionava na CREDE-10 - Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação 10. E eles ficaram pasmos porque eu fui com ela. E ela é uma pessoa humilde, uma pessoa simples. E as pessoas ficaram, assim,

apavoradas na escola: “mas como até professores, até gestores?”. E ela foi e eu sinto, também, que ela foi também muito bem recebida por conta dessa presença. Quer dizer, ao mesmo tempo que eu fui como pesquisadora, eu fui também como ser humano. E eu atuei dentro desse contexto. Isso foi importante para a questão de mudança de paradigmas. Então, aquilo trouxe um aprendizado muito grande para quem estava presente. Foi um momento muito simbólico, em uma época que isso era bastante complexo. Hoje isso não é tanto, pode ter suas dificuldades, mas não tão acentuada como era no passado.

**| KLEIRE** - A pergunta que eu tenho a fazer é: durante a sua trajetória, que eu sei que deve ter sido uma trajetória de muita dificuldade, e também de solidariedade que você encontrou, teve algum episódio que você acredita que foi pontual na sua luta? Assim, um episódio que te marcou tanto que você pensou “eu não posso desistir agora” [risos]. Eu te pergunto justamente porque, com a sua fala, fez eu me lembrar desse episódio - até gostaria de compartilhar com você. [Entrevistadora compartilha um momento de sua vivência que foi optado ser retirado] Você falando dessa rede de solidariedade, e eu pensei, assim, como teria sido importante, para mim, ter te encontrado na universidade. Você teria sido a minha rede de apoio.



Bem, teve sim. E quando você falou, é gritante, né, que foi exatamente no momento que eu tive que decidir se eu continuava na educação ou se eu ia para a prostituição. Porque eu me prostitui já. Eu fui colocada para fora de casa. Quando a minha mãe faleceu, meu pai me colocou para fora de casa. Então, eu fui expulsa de casa, eu sei o que é isso. E vivenciei, também, a prostituição. E eu tinha uma amiga que vivia em uma condição financeira melhor do que a minha. Eu sou filha de agricultores analfabetos, que viviam em situação de pobreza, e eu tinha uma colega que era neta de um ex-governador. E era uma história interessante, porque minha mãe vendia no mercado e eu ia com ela para o mercado, ela vendia comida, e no vizinho morava essa minha amiga, que era também uma trans, jovem, éramos jovens, nós fomos nos descobrindo juntas. E ela vivia uma condição, eu vivia a outra, e ela buscou a prostituição. Ela continuou a prostituição e eu continuei os estudos, mas nós continuávamos amigas. Ela foi para a Itália e eu continuei estudando. Fui fazendo a graduação, fui seguindo em frente e ela na Itália. Ela mora em Bréscia ainda. E eu passei no concurso quando eu fazia mestrado. Passei no concurso, eram quatro vagas para biologia, do Estado do Ceará, da Secretaria do Estado do Ceará. Só passou uma pessoa, e fui eu. Então, eram 4 vagas, só passou eu. E, na hora que eu ia atrás da lotação, diziam que não tinha vaga. Mas como que não tem? Eram quatro vagas e só passou eu. Como

que não têm vagas? Tive que denunciar a Coordenadoria da CREDE-10 e foi enviado um funcionário para fazer minha lotação, na cidade de Aracati, que era na rede estadual, mas era no município de Aracati. Foi feita minha lotação, ok, eu fui lecionar. E sempre que ia ser feita a minha lotação, o diretor chamava todos/as os professores/as, eu era a última. E ele fazia de tudo para professores de história aceitarem lecionar a disciplina de biologia, para não ter nem como me lotar. Então, ele fazia esse joguete. Teve um professor que, quando saiu, ele me falou: “o diretor queria, porque queria, que eu ficasse com as suas disciplinas. Eu não aceitei”. E... é isso, essa solidariedade, de alguém que chega e, você menos espera, e toma atitude que te surpreende. E é por isso que nós não podemos ser egoístas de acharmos que essa luta é uma conquista só nossa. Ela é de quem está do nosso lado, porque essas pessoas também sofrem as dores de estar nos apoiando. E, interessante, que foram sucessivas tentativas de retirada, e essa minha amiga falava comigo sempre, ela dizia “olha, Luma, larga isso. O que você ganha em um ano, eu ganho em um mês. Vem para cá, para Itália, vamos. Você vem para cá, você vai fazer o que eu faço, aqui, na prostituição. Você tem onde ficar, eu vou te receber e tal, não vai ter problema, larga isso aí. Como é que você aguenta essa humilhação, essa coisa toda. Isso não vale a pena!”. E aí chegou um momento que, como eu tinha passado

no concurso, eu tinha que ficar 2 anos em estágio probatório, de avaliação. E, quando eu estava quase terminando já, eu coloquei a prótese - que, antes, eu só tinha hormônio, já era um seio maiorzinho, mas não era tão elevado e eu resolvi colocar prótese. Nessa época, eu já estudava italiano, porque ela, de tanto falar comigo, eu já estava me preparando. Eu fazia italiano, ensinava em Aracati, fazia italiano e o mestrado, que, nessa época, eu também fazia o mestrado. Aí juntei o dinheiro, consegui, coloquei a prótese. E eu já imaginava: quando eu chegar na escola, eles já me perseguem de todas as formas, se eu chegar com a prótese, eles vão inventar alguma coisa, eles vão querer fazer alguma coisa. E foi justamente o que eu pensava. Só que eu trabalhava no laboratório também. Eu era a única habilitada para o laboratório de biologia. E talvez por isso eles tiveram que me engolir por muito tempo, né, mesmo quando eu ainda não estava concursada. E então eu usava uma bata. Passei a usar direto uma bata, que era exatamente para cobrir os seios. Eu passei a usar, inclusive, na sala de aula a bata do laboratório, já prevendo alguma coisa. E chegou um certo dia, já no finalzinho do estágio, eu acho que foi a última tentativa deles. Eu fui denunciada, à Secretaria de Educação do Estado, em Fortaleza, de que eu estava mostrando os seios na aula. Aí ligaram para mim da Secretaria, disseram que eu tinha recebido uma denúncia e que estavam apurando. E eu perguntei: “é oficial ou é

extraoficial?”. Elas disseram, é oficial. Pois, então, pronto, eu vou me apresentar. Marcou a reunião. Cheguei lá, era uma mesa cheia de gente, quando eu fui levei fotos, porque eu já imaginava do que se tratava. Levei fotos, levei um abaixo-assinado dos alunos, um abaixo-assinado feito pelos alunos colocando que não existia nada que eu tivesse feito que pudesse me prejudicar. Levei um arcabouço de provas. Eu mostrei lá para eles e foram me interrogando, fazendo questões e tudo. Eu fui apresentando, fui mostrando, eu contei as dificuldades que eu passava, que eu estava passando. Aquilo, pra mim, foi o xeque-mate da minha vida. Ou eu ia para prostituição ou eu continuava na educação. Ali foi a chave. E eu joguei tudo: vou fazer o que eu puder e se não for aceita eu já tenho outro rumo. Então, para a minha surpresa, também, as pessoas foram super solidárias, elas entenderam plenamente, elas disseram: “nossa, que absurdo o que você tá passando”. E disseram: “não, pode esquecer, está tudo bem, a gente entendeu, a gente viu tudo direitinho”. Eu até disse: “se vocês quiserem ir na escola, vocês podem ir falar com os alunos”. E eles disseram: “não vai ser necessário, não se preocupe, está tudo ok, nós vamos falar com a gestão da escola sobre o que estar ocorrendo”. Eles tiveram um diálogo com o gestor. Depois disso eu fiz um projeto, que foi em 2005, o Segundo Prêmio Ciências, do Ensino Médio. Eu apresentei um projeto que eu estava

desenvolvendo, que era o projeto PIM - Projeto intimamente mulher, que era sobre o exame ginecológico. Minha mãe morreu de câncer no útero, porque ela não tinha feito exame ginecológico, ela era uma pessoa que não tinha acesso às tecnologias e à saúde. E eu acordei um dia com essa coisa na cabeça, ela me dizendo que eu tinha que fazer algo para as minhas alunas não morrerem como ela. Eu fiz o projeto e no mesmo dia eu já corri, já escrevi o projeto, já fiz e já articulei com a secretaria de saúde e as meninas iam fazer exame ginecológico. Esse projeto foi crescendo. As meninas se descobriam com DST, até os meninos que tinham DST foram incorporados no projeto. As mães das meninas que nunca tinham feito, que eram agricultoras, assim como minha mãe, buscavam também, até professoras. Porque eu consegui um elo entre a escola e a Secretaria de Saúde. Eu consegui um dia exclusivo para atender as pessoas da escola. E foram descobertas várias doenças, meninas foram salvas. Foi emocionante. No encerramento do projeto, teve uma garota que chorou e disse “eu fui salva por você”. [silêncio]. Isso foi muito forte, porque eu senti que se tivesse salvado uma vida já teria valido. E foi muito lindo. E esse projeto eu escrevi para o Segundo Prêmio Ciências e, na época, já era o Lula e quem estava no Ministério, eu não me recordo o nome, mas quem fazia parte também do Ministério da Educação, era o Haddad. E, na premiação, em 2005, eu fui para Brasília, nós fomos

contemplados através do projeto, e eu recebi do Haddad a premiação. Ele não era o ministro, mas ele era, acho, secretário, alguma coisa assim, um assessor do Ministério, não me recordo. E até hoje eu guardo essa foto dele me entregando a premiação, o Segundo Prêmio Ciência. Foi a partir daí que tudo mudou, que eu vi que eu estou no caminho certo. Eu faço educação. Eu estou, inclusive, contribuindo para a transformação da sociedade, inclusive, salvando vidas. Então, eu não posso deixar isso aqui. Aí a vida seguiu. Mas foi um momento de ter que escolher para onde eu iria e foi muito difícil, mas deu certo. E você precisa saber de uma coisa: o prêmio era R\$ 20.000,00, na época, era muito dinheiro. E como eu cuidava do laboratório e nós não tínhamos um laboratório na escola. O conselho da escola, o conselho escolar, resolveu me homenagear. Eu nem sabia. E aí eles construíram um laboratório de ciências na escola e me chamaram para eu inaugurar. Na hora que eu puxei a faixa, era o nome da minha mãe. Foi um momento incrível e um momento muito mágico. Foi aí onde eu senti “eu estou no caminho certo”, porque essa magia toda e essa coisa toda acontecendo, é porque eu tenho muito a produzir, fazendo o que eu estou fazendo. Aí veio todo o contexto de estar no doutorado, de produzir a primeira tese, a primeira produção acadêmica de uma pessoa travesti, sobre pessoas travestis, em um espaço escolar e trazendo contexto não das grandes metrópoles, mas, também,

um olhar sobre as pequenas cidades, as de médio e pequeno porte e os pequenos interiores e localidades que existiam. Porque era uma ideia de que só existia travesti nos grandes espaços urbanos e, na verdade, essa tese mostrou que não, existem travesti na escola, não só na prostituição, e elas estão em todos os lugares. Agora, lógico, construções diferenciadas, cada uma utilizando as tecnologias que tem acesso.

**| KLEIRE** - Muito boa nossa conversa, para finalizar, eu gostaria que você deixasse um recado. Um recado, qual é o caminho? Se você acredita que o caminho é a solidariedade? Você acredita que esse é o nosso caminho?

**| LUMA** - Eu acho que nós devemos pensar no próximo, não só em nós mesmos. Nós não podemos ser o centro das questões. Às vezes, as pessoas me perguntam, muitas vezes, por que eu não estou no Twitter, no Instagram, nas redes. Primeiro, porque eu não tenho tempo, né. Eu tenho que cuidar do meu trabalho, eu tenho muita coisa para fazer. Não dá para ficar centrado o tempo todo no umbigo. Eu acho que a gente tem que produzir pensando também nas pessoas, e que esse resultado não é, necessariamente, ter uma marca de Luma, mas que ele venha e ele mude e transforme as vidas de quem está precisando, de pessoas travestis e transexuais.

Hoje eu tenho muito orgulho de, por exemplo, ter pessoas trans que passaram por mim, dentro da universidade, inclusive, que foram orientados e orientadas, e que estão aí fora, tendo grandes destaques a nível nacional, produzindo livros, artigos. E eu fico muito feliz, porque eu acho que é esse o nosso papel: não centrar na gente, mas potencializar as pessoas para que elas possam caminhar e possam continuar nossa caminhada. Então, sempre se fortalecer e buscar as redes de apoio solidárias, quer sejam pessoas LGBT, quer sejam pessoas cis, quer sejam pessoas evangélicas, pessoas ateias. Enfim, buscar essas redes de solidariedade, porque elas existem onde a gente menos imagina. Nós não podemos generalizar. Nós temos pessoas, inclusive, nos meios mais, às vezes, até conservadores, que também nos apoiam. Por incrível que pareça. Não existe uma regra, não existe. A questão é, conhecer a existência dessas pessoas e não só de um espaço que faz parte da nossa diversidade, mas de todos os contextos, todas as pessoas que são solitárias. Fortalecer a nossa caminhada para que seja possível superar todos os desafios que surgem no dia a dia, principalmente em meio a um governo que nos ataca e que quer ver a nossa morte. Que aciona totalmente a necropolítica para poder exterminar as pessoas que eles consideram descartáveis, pessoas que eles não consideram como humanas. Aí vem todas as pessoas que têm um histórico

de vulnerabilidade social no Brasil. Então, nós precisamos ter essa rede de solidariedade porque nós estamos no mesmo lugar. E não envolve só a questão da temática LGBT em si, são todas as diversidades e minorias ou populações minoritários que vivem um processo de negação nesse momento. A única forma que nós podemos produzir de reação é nos unirmos, porque unidos nós somos mais fortes.